ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS: PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA PARA A FORMAÇÃO DE ESTUDANTES LEITORES E PRODUTORES DE TEXTOS: A MEDIAÇÃO DOCENTE COMO CAMINHO PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

THAMIRIS PAOLLA MORAES PEIXOTO GONÇALVES

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a importância das práticas de leitura e escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental, considerando a alfabetização e o letramento como processos complementares na formação de estudantes leitores e produtores de textos. A pesquisa parte da compreensão de que alfabetizar não significa apenas ensinar a codificar e decodificar letras e sons, mas também inserir a criança em situações reais de uso da linguagem escrita, favorecendo sua participação em práticas sociais de leitura, escrita, escuta e oralidade. O estudo utiliza como método a pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, fundamentada em autores que discutem alfabetização, letramento, mediação pedagógica, desenvolvimento infantil e práticas de linguagem, além de documentos orientadores da educação brasileira. Ao longo da reflexão, observa-se que o processo de alfabetização exige intencionalidade docente, planejamento, diagnóstico das hipóteses de escrita, organização de intervenções, valorização dos saberes prévios dos estudantes e oferta de experiências significativas com diferentes gêneros textuais. O artigo discute ainda o papel do professor como mediador da aprendizagem, destacando a importância da leitura diária, da escrita com função social, dos agrupamentos produtivos, dos jogos de consciência fonológica e da avaliação contínua. As considerações finais indicam que a articulação entre alfabetização e letramento contribui para uma aprendizagem mais significativa, pois permite que a criança compreenda o funcionamento do sistema de escrita ao mesmo tempo em que reconhece a leitura e a escrita como práticas presentes na vida social. Conclui-se que a formação de leitores e escritores nos anos iniciais depende de práticas pedagógicas planejadas, contextualizadas e capazes de respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Letramento; Anos iniciais; Leitura; Escrita; Prática docente.

ABSTRACT

This article aims to analyze the importance of reading and writing practices in the early years of Elementary School, considering literacy acquisition and literacy practices as complementary processes in the formation of students as readers and text producers. Based on qualitative bibliographic research, the study discusses the teacher's mediation, social uses of written language, children's writing hypotheses, and the need for meaningful pedagogical practices. The final considerations indicate that articulating literacy and literacy practices favors children's participation, autonomy and learning, contributing to the development of readers and writers in a more contextualized school environment.

KEY-WORDS: Literacy; Reading; Writing; Early years; Teaching practice.

INTRODUÇÃO

A alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental é um dos processos mais importantes da escolarização, pois possibilita à criança o acesso sistemático à cultura escrita e amplia suas formas de participação social. Aprender a ler e a escrever não representa apenas dominar uma técnica escolar, mas apropriar-se de um instrumento cultural que permite comunicar ideias, registrar experiências, interpretar informações, participar de diferentes práticas sociais e construir novos conhecimentos. Por essa razão, a alfabetização precisa ser compreendida como um processo complexo, contínuo e diretamente relacionado ao letramento.

Durante muito tempo, a alfabetização foi associada principalmente ao ensino das letras, sílabas, famílias silábicas e correspondências entre grafemas e fonemas. Embora esses conhecimentos sejam fundamentais, eles não são suficientes para formar leitores e escritores capazes de utilizar a linguagem escrita em situações reais. A criança preci-

sa compreender como o sistema de escrita funciona, mas também precisa entender para que se lê, para que se escreve, quem escreve, para quem se escreve e em quais contextos os textos circulam. Nesse sentido, alfabetização e letramento devem caminhar juntos.

O conceito de letramento amplia a discussão sobre o ensino da leitura e da escrita, pois considera os usos sociais da linguagem escrita. Uma criança pode aprender o princípio alfabético e, ainda assim, não compreender plenamente a função dos textos em sua vida cotidiana. Por outro lado, desde muito cedo, antes mesmo de escrever convencionalmente, ela participa de práticas letradas ao ouvir histórias, reconhecer placas, observar listas, manusear livros, acompanhar bilhetes, brincar com rimas, ditar textos para um adulto ou tentar escrever o próprio nome. Cabe à escola valorizar essas experiências e organizá-las de forma planejada, garantindo a todos os estudantes o direito de avançar.

Nos anos iniciais, as turmas costumam apresentar grande diversidade de hipóteses de escrita, ritmos de aprendizagem, repertórios culturais, experiências familiares com leitura e escrita e formas de participação. Há estudantes que chegam à escola reconhecendo letras, escrevendo o nome e demonstrando interesse por livros; outros ainda estão construindo a percepção de que a escrita representa a fala; há também aqueles que necessitam de maior mediação por apresentarem dificuldades de atenção, linguagem, coordenação motora, acesso a materiais ou vivências anteriores mais restritas. Essa diversidade exige do professor um olhar atento e intervenções pedagógicas ajustadas.

A prática docente no processo de alfabetização não pode basear-se em atividades mecânicas e repetitivas sem finalidade comunicativa. É necessário oferecer situações em que as crianças leiam, escrevam, conversem, escutem, comparem palavras, formulem hipóteses, revisem produções e utilizem a escrita em contextos significativos. Listas, bilhetes, parlendas, cantigas, poemas, convites, legendas, calendários, regras de jogos, receitas, histórias e textos informativos são exemplos de gêneros que podem aproximar a criança da linguagem escrita em sua função social.

Nesse contexto, o problema que orienta este artigo é: de que maneira as práticas de leitura e escrita, articuladas ao processo de alfabetização e letramento, podem contribuir para a formação de estudantes leitores e produtores de textos nos anos iniciais? A partir dessa questão, busca-se refletir sobre a necessidade de uma prática pedagógica intencional, que considere as hipóteses das crianças, promova intervenções adequadas e valorize o uso social da linguagem escrita.

O objetivo geral deste estudo é analisar a importância das práticas de leitura e escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental, considerando a alfabetização e o letramento como processos complementares. Como objetivos específicos, pretende-se compreender a relação entre alfabetização e letramento, discutir a importância das práticas sociais de leitura e escrita, refletir sobre o papel do professor mediador e apresentar estratégias pedagógicas que favoreçam a aprendizagem das crianças em diferentes momentos do processo de alfabetização.

A escolha do tema justifica-se pela relevância da alfabetização na trajetória escolar dos estudantes e pela necessidade de fortalecer práticas que superem a simples memorização de letras e sílabas. Muitos desafios enfrentados nas escolas estão relacionados à dificuldade de transformar o ensino da leitura e da escrita em uma experiência signifi-
i
cativa, capaz de dialogar com os interesses, necessidades e possibilidades das crianças. Assim, discutir alfabetização e letramento é fundamental para qualificar o trabalho docente e contribuir para a aprendizagem nos anos iniciais.

Quanto à metodologia, este artigo caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter exploratório. A investigação fundamenta-se em autores da área da educação, da alfabetização e do letramento, como Soares, Freire, Ferreiro, Teberosky, Kleiman, Cagliari e Vygotsky, além de documentos orientadores da educação brasileira. A pesquisa bibliográfica permite reunir contribuições teóricas relevantes para compreender o tema e discutir práticas pedagógicas que favoreçam a formação de leitores e escritores desde os primeiros anos escolares.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: PROCESSOS COMPLEMENTARES

A alfabetização pode ser compreendida como o processo de apropriação do sistema de escrita alfabética, envolvendo a compreensão de que a escrita representa a linguagem oral por meio de sinais gráficos convencionais. Esse processo inclui o reconhecimento das letras, a relação entre sons e grafias, a segmentação das palavras, a percepção das sílabas e fonemas e o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita. No entanto, alfabetizar não se limita à aquisição de um código, pois a escrita é uma prática cultural carregada de sentidos sociais.

Soares (2004) defende que alfabetização e letramento são processos distintos, porém indissociáveis. A alfabetização diz respeito à aprendizagem do sistema alfabético e ortográfico, enquanto o letramento se refere à participação em práticas sociais de leitura e escrita. Separar esses processos pode produzir fragilidades: quando se ensina apenas o código, corre-se o risco de formar estudantes que decodificam palavras sem compreender o uso social dos textos; quando se valoriza apenas o contato com textos sem intervenções sistemáticas sobre o sistema de escrita, pode-se dificultar a apropriação do princípio alfabético.

A articulação entre alfabetização e letramento exige que a escola proporcione situações reais de leitura e escrita, mas também intervenha intencionalmente para que a criança compreenda como se escreve. Isso significa que o professor precisa ler textos com os estudantes, escrever coletivamente, propor produção de listas, explorar nomes, comparar palavras, chamar atenção para letras e sons, discutir o que foi escrito e incentivar a revisão das produções. A criança aprende sobre o sistema de escrita ao participar de práticas significativas e ao refletir sobre a língua.

Ferreiro e Teberosky (1999) contribuíram de forma importante para a compreensão de que a criança não aprende a escrever apenas copiando modelos prontos, mas formulando hipóteses sobre o funcionamento da escrita. Antes de chegar à escrita alfabética, ela passa por diferentes formas de conceitualização, buscando compreender a relação entre o que se fala e o que se escreve. Essa perspectiva modificou o olhar sobre os chamados erros infantis, que passaram a ser compreendidos como manifestações do pensamento da criança e não simplesmente como ausência de conhecimento.

Ao observar as hipóteses de escrita, o professor pode planejar intervenções mais adequadas. Uma criança em hipótese pré-silábica precisa de propostas que favoreçam a percepção de que a escrita representa a fala e de que as letras possuem função. Uma criança em hipótese silábica já começa a relacionar partes da fala com partes da escrita, necessitando avançar na compreensão do valor sonoro convencional. Já os estudantes silábico-alfabéticos e alfabéticos precisam consolidar a escrita completa das palavras, ampliar a leitura, revisar produções e compreender aspectos ortográficos e textuais.

O letramento, por sua vez, aproxima o processo de alfabetização da vida social. A criança compreende melhor a importância da escrita quando percebe que os textos servem para organizar a rotina, comunicar informações, registrar combinados, contar histórias, brincar com palavras, orientar ações e preservar memórias. Por isso, as atividades de alfabetização devem dialogar com situações concretas de uso da linguagem escrita, evitando que a escola reduza a escrita a exercícios descontextualizados.

Freire (1996) lembra que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos e compromisso com a construção de uma prática significativa. No contexto da alfabetização, isso implica reconhecer que as crianças chegam à escola com experiências, linguagens, conhecimentos e formas de interpretar o mundo. A leitura da palavra precisa estar relacionada à leitura de mundo, ou seja, ao modo como os estudantes compreendem a realidade que os cerca. Dessa forma, a alfabetização torna-se uma prática de participação e não apenas uma técnica escolar.

Compreender alfabetização e letramento como processos complementares permite ao professor organizar práticas mais equilibradas. É necessário ensinar letras, sons e palavras, mas também ler histórias, escrever bilhetes, produzir listas, explorar poemas, interpretar imagens, conversar sobre textos e permitir que as crianças experimentem a

escrita com finalidade. A aprendizagem torna-se mais potente quando a criança percebe sentido no que faz e quando o professor utiliza essas situações para promover reflexão sobre o sistema de escrita.

PRÁTICAS SOCIAIS DE LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS

As práticas sociais de leitura e escrita ocupam lugar central no processo de letramento, pois demonstram às crianças que a linguagem escrita está presente em diferentes situações da vida cotidiana. A escola tem o papel de ampliar o repertório dos estudantes, oferecendo contato com diversos gêneros textuais e criando condições para que eles participem de situações reais ou simuladas de uso da escrita. A leitura e a escrita precisam aparecer como práticas vivas, e não apenas como tarefas escolares isoladas.

A leitura diária realizada pelo professor é uma estratégia essencial nos anos iniciais. Mesmo antes de ler convencionalmente, a criança pode participar como ouvinte, antecipar sentidos, observar ilustrações, comentar personagens, identificar palavras conhecidas, reconhecer a direção da leitura e compreender características dos textos. A escuta de histórias, poemas, parlendas, cantigas e textos informativos contribui para ampliar o vocabulário, desenvolver a imaginação, construir repertório linguístico e aproximar os estudantes da cultura escrita.

A organização de um ambiente alfabetizador também favorece a aprendizagem. Cartazes, alfabeto visível, calendário, chamada, rotina, listas, combinados, cantinho de leitura, produções dos estudantes e materiais de consulta ajudam as crianças a perceber a presença da escrita na sala de aula. Entretanto, esses recursos precisam ser utilizados de forma intencional. O alfabeto na parede, por exemplo, só se torna significativo quando o professor convida os estudantes a consultá-lo, compará-lo, utilizá-lo na escrita e relacioná-lo aos nomes e palavras conhecidas.

A escrita do nome próprio é uma das primeiras referências importantes para a criança. Ao reconhecer e escrever seu nome, ela começa a observar letras, ordem, quantidade, semelhanças e diferenças em relação aos nomes dos colegas. O nome também possui forte valor afetivo e social, pois identifica o estudante e marca sua presença no grupo. Atividades com crachás, chamada, jogos de nomes, comparação de letras iniciais e organização de listas podem favorecer avanços importantes nas hipóteses de escrita.

As listas são gêneros bastante produtivos para a alfabetização, pois apresentam organização simples e permitem trabalhar palavras de um mesmo campo semântico. Listas de brinquedos, frutas, animais, materiais escolares, personagens, brincadeiras ou combinados possibilitam que a criança reflita sobre a escrita de palavras significativas. Ao produzir listas, os estudantes podem comparar tamanhos de palavras, identificar letras iniciais, perceber sons finais e discutir diferentes formas de registro.

As parlendas, cantigas e poemas favorecem a consciência fonológica, pois trabalham ritmo, repetição, rimas e sonoridades. Esses textos permitem que as crianças brinquem com a linguagem e percebam semelhanças sonoras entre palavras. Atividades de completar versos, localizar palavras repetidas, identificar rimas, ordenar trechos e relacionar oralidade e escrita contribuem para que os estudantes avancem na percepção dos sons da língua.

A produção coletiva de textos é outra prática fundamental. Quando o professor atua como escriba e registra no quadro aquilo que a turma dita, as crianças podem observar como a fala se transforma em escrita. Nesse processo, o docente pode problematizar escolhas de palavras, pontuação, segmentação, organização das ideias e revisão. A produção coletiva permite que mesmo as crianças que ainda não escrevem convencionalmente participem da elaboração de textos, contribuindo com ideias, oralidade e compreensão do gênero.

A escrita espontânea também deve ser valorizada. Ao escrever do jeito que sabe, a criança revela suas hipóteses e permite ao professor compreender como está pensando o sistema de escrita. Essas produções não devem ser vistas apenas pelo erro, mas como registros importantes do percurso de aprendizagem. Cabe ao professor analisar, intervir, propor desafios e possibilitar novas tentativas, sempre respeitando o momento da criança e incentivando sua participação.

Além disso, é importante que a escola ofereça oportunidades para leitura e escrita com diferentes finalidades: escrever um bilhete para outra turma, produzir convite para um evento, registrar uma receita, montar legenda para desenho, organizar regras de uma brincadeira, criar ficha de leitura, escrever lista de materiais ou recontar uma história. Essas situações mostram que a escrita comunica, organiza e circula socialmente, fortalecendo o sentido do aprender a ler e escrever.

O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR DA APRENDIZAGEM

O professor é figura central no processo de alfabetização e letramento, pois organiza as experiências de leitura e escrita, observa as hipóteses das crianças, propõe desafios e cria condições para que todos avancem. Sua atuação não se limita a apresentar conteúdos, mas envolve mediar relações entre os estudantes, os textos, a linguagem oral, a escrita e os conhecimentos culturais. A mediação docente é essencial para transformar atividades em situações reais de aprendizagem.

Com base em Vygotsky (1991), compreende-se que o desenvolvimento ocorre nas interações sociais e que a aprendizagem pode ser favorecida por mediações adequadas. A criança não aprende sozinha, mas na relação com o outro, com os instrumentos culturais e com os desafios que lhe são apresentados. Na alfabetização, isso significa que o professor precisa propor situações em que os estudantes possam pensar, comparar, perguntar, justificar, rever e ampliar suas hipóteses sobre a escrita.

A observação é uma das principais ferramentas do professor alfabetizador. Ao acompanhar a escrita de uma criança, o docente precisa observar quais letras ela utiliza, se relaciona a escrita à fala, se considera a quantidade de sílabas, se utiliza valor sonoro, se lê o que escreveu, se apaga e modifica letras, se consulta o ambiente ou se depende de modelos. Essas informações permitem planejar intervenções mais precisas e evitar propostas únicas para estudantes que se encontram em momentos diferentes.

Os agrupamentos produtivos são uma estratégia importante nesse processo. Ao organizar duplas ou pequenos grupos com hipóteses próximas ou complementares, o professor favorece a troca entre as crianças. Um estudante pode ouvir a justificativa do colega, comparar escritas, perceber diferenças e rever sua própria produção. Contudo, os agrupamentos precisam ser planejados com cuidado, considerando não apenas o nível de aprendizagem, mas também o comportamento, a autonomia e a possibilidade de colaboração entre os estudantes.

A intervenção do professor deve provocar reflexão, e não simplesmente oferecer respostas prontas. Perguntas como "Com que letra começa?", "Essa palavra tem o mesmo som de qual outra?", "Vamos contar quantas partes falamos?", "O que falta para o colega conseguir ler?" ou "Onde podemos consultar essa palavra?" ajudam a criança a pensar sobre a escrita. Essas perguntas devem ser feitas de acordo com a hipótese do estudante, pois desafios muito distantes podem gerar insegurança, enquanto desafios muito fáceis não promovem avanço.

A leitura feita pelo professor também constitui uma forma de mediação. Ao ler em voz alta, comentar estratégias, mostrar o título, observar o autor, antecipar acontecimentos e discutir sentidos, o docente ensina comportamentos leitores. A criança aprende que o leitor faz perguntas, confirma hipóteses, volta ao texto, interpreta imagens, compara informações e constrói sentidos. Esses comportamentos são fundamentais para formar leitores autônomos.

Na escrita, o professor mediador oferece modelos sem transformar a aprendizagem em cópia mecânica. Ele pode escrever diante da turma, explicando suas escolhas, relendo o que foi produzido, acrescentando informações e revisando. Ao participar desse processo, as crianças compreendem que escrever envolve planejamento, registro e revisão. A escrita deixa de ser vista como atividade pronta e passa a ser compreendida como construção.

A avaliação contínua também faz parte da mediação docente. Avaliar não significa apenas aplicar provas ou atribuir notas, mas acompanhar o percurso de cada estudante. Portfólios, sondagens, registros de observação, produções espontâneas, leitura de palavras, participação em rodas e atividades

matemáticas ajudam o professor a compreender avanços e dificuldades. A avaliação, nesse sentido, orienta o planejamento e possibilita intervenções mais adequadas.
O professor alfabetizador precisa, portanto, atuar como pesquisador de sua própria prática. A cada atividade, observa quais estratégias funcionaram, quais estudantes avançaram, quais ainda precisam de apoio e quais materiais podem ser reorganizados. Esse movimento constante de planejar, aplicar, observar e replanejar é indispensável para uma prática de alfabetização que considere a realidade da turma e garanta o direito de aprender.

DESAFIOS PEDAGÓGICOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

O processo de alfabetização nos anos iniciais apresenta desafios significativos para professores e estudantes. Um dos principais desafios é lidar com a heterogeneidade da turma. Em uma mesma sala, podem coexistir crianças que ainda não diferenciam desenho e escrita, estudantes que utilizam letras sem relação sonora, outros que já representam sílabas com valor sonoro e aqueles que escrevem alfabeticamente. Essa diversidade exige planejamento flexível e propostas diferenciadas, sem perder de vista o trabalho coletivo da turma.
Outro desafio refere-se à dificuldade de alguns estudantes em manter atenção, organizar materiais e concluir atividades. A alfabetização exige escuta, concentração, participação oral, manipulação de letras, leitura de imagens, registro escrito e revisão. Quando a criança apresenta dificuldade de permanecer envolvida, o professor precisa organizar estratégias que favoreçam sua participação, como atividades em etapas curtas, comandos objetivos, apoio visual, rotina previsível, materiais concretos e acompanhamento mais próximo.
Também é comum que algumas crianças apresentem pouco repertório de leitura e escrita fora da escola. Nem todas têm acesso frequente a livros, histórias, materiais impressos ou situações de escrita em casa. A escola, nesse caso, assume papel ainda mais importante na ampliação do repertório cultural. A leitura diária, o empréstimo de livros, a roda de conversa, o contato com diferentes gêneros e a valorização da oralidade podem contribuir para reduzir desigualdades de acesso à cultura escrita.
A pressão por resultados rápidos também pode ser um obstáculo. A alfabetização é um processo que exige tempo, continuidade e intervenções adequadas. Quando se espera que todas as crianças avancem no mesmo ritmo, corre-se o risco de desconsiderar os percursos individuais e transformar a dificuldade em fracasso. É preciso acompanhar os avanços, mesmo que pequenos, e compreender que cada hipótese de escrita representa uma forma de pensamento em desenvolvimento.
Outro desafio é superar práticas centradas exclusivamente na cópia. A cópia pode ter lugar em algumas situações, mas não garante, por si só, que a criança compreenda o sistema de escrita. Um estudante pode copiar palavras corretamente sem saber lê-las ou escrevê-las de forma autônoma. Por isso, é necessário propor atividades em que a criança pense sobre a escrita, arrisque hipóteses, compare produções e participe de situações significativas.
A relação entre leitura e escrita também precisa ser fortalecida. Em algumas práticas, essas dimensões aparecem separadas: lê-se em um momento e escreve-se em outro, sem articulação. No entanto, ao ler, a criança amplia repertório textual, observa palavras, compreende estruturas e constrói sentidos. Ao escrever, utiliza conhecimentos adquiridos nas experiências de leitura. A integração entre leitura e escrita favorece aprendizagens mais consistentes.
A inclusão de estudantes com necessidades educacionais específicas ou dificuldades importantes de aprendizagem também exige atenção. Algumas crianças necessitam de atividades adaptadas, recursos visuais, flexibilização de tempo, apoio motor, mediação individual ou formas alternativas de participação. A alfabetização precisa ser acessível a todos, respeitando diferentes ritmos e modos de expressão. Isso não significa reduzir expectativas, mas oferecer caminhos possíveis para que cada estudante participe e avance.
Diante desses desafios, torna-se fundamental que a escola organize um trabalho coletivo. A coordenação pedagógica, os professo-

res, a equipe de apoio e as famílias precisam dialogar sobre as necessidades dos estudantes. A alfabetização não deve ser responsabilidade isolada de um professor, mas compromisso institucional. O acompanhamento dos avanços, a análise das sondagens, o planejamento de intervenções e a troca de estratégias fortalecem o processo educativo.

MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter exploratório. A escolha pela pesquisa bibliográfica justifica-se pela necessidade de analisar contribuições teóricas já produzidas sobre alfabetização, letramento, práticas de leitura e escrita e mediação pedagógica nos anos iniciais. Esse tipo de investigação permite reunir conceitos, relacionar autores e construir uma reflexão fundamentada sobre o tema proposto.

A abordagem qualitativa foi adotada porque o estudo busca compreender significados e relações presentes no processo de alfabetização, e não quantificar resultados estatísticos. A aprendizagem da leitura e da escrita envolve dimensões cognitivas, sociais, culturais, afetivas e pedagógicas, exigindo interpretação e análise crítica. Assim, a pesquisa qualitativa possibilita discutir como as práticas de leitura e escrita podem favorecer a formação de leitores e produtores de textos.

O caráter exploratório relaciona-se ao objetivo de ampliar a compreensão sobre a articulação entre alfabetização e letramento. A pesquisa explora conceitos como sistema de escrita alfabética, práticas sociais de linguagem, hipóteses de escrita, mediação docente, avaliação contínua e organização de intervenções pedagógicas. Esses elementos são discutidos a partir de referenciais teóricos e documentos orientadores da educação brasileira.

Foram considerados como materiais de estudo livros e textos de autores reconhecidos na área da educação e da alfabetização, como Magda Soares, Paulo Freire, Emilia Ferreiro, Ana Teberosky, Angela Kleiman, Luiz Carlos Cagliari e Lev Vygotsky. Também foram utilizados documentos educacionais brasileiros, como a Base Nacional Comum Curricular, por sua relevância na definição de práticas de linguagem e aprendizagens essenciais para a Educação Básica.

A análise foi realizada por meio de leitura, seleção e interpretação das ideias principais dos autores e documentos consultados. Em seguida, os conceitos foram relacionados ao problema de pesquisa, buscando compreender de que maneira as práticas de leitura e escrita contribuem para a alfabetização e o letramento nos anos iniciais. Por se tratar de pesquisa bibliográfica, não houve aplicação de instrumentos de coleta de dados em campo, entrevistas ou questionários.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise bibliográfica realizada permite afirmar que as práticas de leitura e escrita são fundamentais para uma alfabetização significativa nos anos iniciais. Os autores estudados indicam que aprender a ler e escrever não é apenas dominar um código, mas participar de práticas sociais que envolvem linguagem, cultura, interação e construção de sentidos. Assim, a escola precisa garantir tanto o ensino sistemático do sistema de escrita quanto o contato constante com textos reais e significativos.

Um dos principais resultados da discussão é a compreensão de que alfabetização e letramento não devem ser tratados como etapas separadas. A criança precisa refletir sobre letras, sons, sílabas e palavras, mas essa reflexão se torna mais potente quando acontece em situações de uso da linguagem escrita. Atividades com listas, bilhetes, histórias, parlendas, poemas e textos informativos permitem que os estudantes compreendam o funcionamento da escrita e sua função social.

A pesquisa também evidencia que o professor precisa conhecer as hipóteses de escrita dos estudantes para planejar intervenções adequadas. Uma mesma atividade pode ser vivenciada de formas diferentes por crianças em momentos distintos do processo de alfabetização. Por isso, sondagens, observações, portfólios e registros são instrumentos importantes para compreender o percurso de cada criança. A avaliação contínua deixa de ser apenas verificação e passa a orientar o planejamento pedagógico.

Outro ponto relevante é a importância da mediação docente. As crianças avançam quando são desafiadas a pensar sobre a es-

crita, comparar palavras, justificar escolhas e revisar produções. A intervenção do professor deve ser intencional, respeitando o momento da criança e oferecendo desafios possíveis. O avanço não ocorre apenas pela exposição às letras, mas pela participação em situações em que a criança precisa refletir sobre como a escrita funciona.

A leitura diária aparece como prática indispensável. Ela amplia o vocabulário, desenvolve a imaginação, aproxima as crianças dos gêneros textuais e ensina comportamentos leitores. Mesmo antes de ler convencionalmente, os estudantes podem participar de rodas de leitura, antecipar sentidos, comentar personagens, reconhecer títulos e observar características dos textos. Essa participação fortalece o vínculo com a leitura e contribui para a formação de leitores.

A escrita com função social também se mostra essencial. Quando a criança escreve uma lista para organizar materiais, um bilhete para comunicar algo, uma legenda para explicar um desenho ou um convite para uma atividade, ela percebe que a escrita tem fi-
i
nalidade. Essa percepção aumenta o interesse e dá sentido ao esforço de aprender. Ao mesmo tempo, o professor pode utilizar essas produções para trabalhar letras, sons, segmentação, organização textual e revisão.

A discussão aponta ainda que práticas mecânicas e descontextualizadas são insufi-
i
cientes para formar leitores e escritores. Exercícios repetitivos podem até contribuir para memorizar algumas relações, mas não garantem compreensão profunda nem autonomia. A alfabetização exige experiências variadas, materiais diversificados, interação entre estudantes e oportunidades de produção real. O estudante precisa ser convidado a pensar, e não apenas a repetir.

Os resultados reforçam também a necessidade de respeitar diferentes ritmos de aprendizagem. A heterogeneidade da turma não deve ser vista como problema, mas como dado pedagógico que exige planejamento. Agrupamentos produtivos, atividades em pequenos grupos, propostas diferenciadas e intervenções individualizadas são estratégias que ajudam a atender às necessidades dos estudantes sem romper o trabalho coletivo.

Em matemática e em outras áreas do conhecimento, a leitura e a escrita também são importantes. A criança lê enunciados, registra respostas, interpreta tabelas, escreve hipóteses, organiza informações e comunica procedimentos. Portanto, alfabetização e letramento atravessam todo o currículo dos anos iniciais. Quanto mais a escola integra leitura, escrita, oralidade e resolução de problemas, maiores são as possibilidades de aprendizagem.

Dessa forma, os resultados da pesquisa indicam que a formação de estudantes leitores e produtores de textos depende de práticas pedagógicas intencionais, contextualizadas e contínuas. A alfabetização precisa ser planejada como processo de apropriação do sistema de escrita e, ao mesmo tempo, como inserção nas práticas sociais de linguagem. Quando essas dimensões caminham juntas, a escola amplia as possibilidades de participação, autonomia e aprendizagem das crianças.

CONCLUSÃO

O presente artigo teve como objetivo analisar a importância das práticas de leitura e escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental, considerando a alfabetização e o letramento como processos complementares. A partir da pesquisa bibliográfica realizada, foi possível compreender que alfabetizar não significa apenas ensinar letras, sílabas e palavras, mas possibilitar que a criança compreenda o funcionamento do sistema de escrita e participe de situações reais de uso da linguagem escrita.

A discussão mostrou que o letramento amplia o sentido da alfabetização, pois insere a leitura e a escrita em práticas sociais significativas. Quando a criança lê histórias, participa de rodas de conversa, produz listas, escreve bilhetes, observa cartazes, explora parlendas e acompanha produções coletivas, ela compreende que a escrita tem função social. Essa compreensão favorece o interesse, a participação e o desenvolvimento de atitudes leitoras e escritoras.

Também se conclui que o professor exerce papel fundamental como mediador da aprendizagem. Sua atuação envolve observar hipóteses de escrita, planejar interven-

ções, organizar agrupamentos produtivos, propor desafios, avaliar continuamente e criar situações em que as crianças possam refletir sobre a língua. A mediação docente permite que os estudantes avancem de acordo com suas possibilidades, sem deixar de serem desafiados a ampliar seus conhecimentos.

As práticas de leitura e escrita precisam ser diversificadas, contextualizadas e planejadas. O uso de diferentes gêneros textuais, leitura diária, escrita espontânea, produção coletiva, jogos de consciência fonológica, atividades com nome próprio, listas e revisão de textos contribui para tornar o processo de alfabetização mais significativo. Tais práticas ajudam as crianças a compreender que ler e escrever são ações presentes na vida social e não apenas tarefas escolares.

Diante do problema de pesquisa proposto, conclui-se que as práticas de leitura e escrita contribuem para a formação de estudantes leitores e produtores de textos quando articulam o ensino do sistema alfabético ao uso social da linguagem. Essa articulação permite que a criança avance na compreensão das letras e sons, ao mesmo tempo em que atribui sentido às atividades realizadas. Assim, alfabetização e letramento se fortalecem mutuamente.

Por fim, considera-se que o trabalho nos anos iniciais exige compromisso, sensibilidade pedagógica e planejamento intencional. A turma não aprende de forma homogênea, e por isso o professor precisa considerar os diferentes percursos, ritmos e hipóteses dos estudantes. Uma prática alfabetizadora de qualidade valoriza os saberes das crianças, oferece boas situações de leitura e escrita, acompanha os avanços e garante intervenções adequadas. Dessa forma, a escola contribui para formar sujeitos capazes de ler, escrever, interpretar, comunicar-se e participar de maneira mais autônoma da sociedade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e linguística. São Paulo: Scipione, 1998.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KLEIMAN, Angela B. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, 2004.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.